

TV INES como acontecimento discursivo: memória e resistência

Matheus Batista Barboza Coimbra (IFSULDEMINAS)*

<https://orcid.org/0000-0002-7889-2518>

Élcio Aloisio Fragoso (UNIR)**

<https://orcid.org/0000-0002-6807-7851>

Resumo:

A TV foi uma web TV criada para promover a acessibilidade linguística para sujeitos surdos. Essa possuía uma programação bilíngue em Libras e Língua Portuguesa. Neste contexto, este artigo tem como objetivo discutir a TV INES como um acontecimento discursivo. Para isso, tomamos como pressupostos teóricos e metodológicos a Análise de Discurso Materialista, teorizada por Pêcheux, na França, e por Orlandi, no Brasil. As análises desta pesquisa nos permitem dizer que a TV INES atualiza uma memória discursiva sobre os sujeitos surdos, fato que é possível por meio dos movimentos de resistência, os quais produzem deslocamentos nos sentidos produzidos sobre esses sujeitos.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Acontecimento discursivo; TV INES; Sujeitos surdos.

Abstract:

TV INES as a discursive event: memory and resistance

TV was a web TV created to promote language accessibility for deaf subjects. This had a bilingual program in Libras and Portuguese. In this context, this article aims to discuss TV INES as a discursive event. For this, we take as theoretical and methodological assumptions the Materialist Discourse Analysis, theorized by Pêcheux, in France, and by Orlandi, in Brazil. The analyzes of this research allow us to say that TV INES updates a discursive memory about deaf subjects, a fact that is possible through resistance movements, which produce displacements in the meanings produced about these subjects.

Keywords: Discourse Analysis; Discursive event; TV INES; Deaf subjects.

* Professor do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) - *Campus* Poços de Caldas. Doutorando em Educação Especial (UFSCar). Mestre em Letras (PPGML/UNIR). E-mail: matheus.coimbra@ifsuldeminas.edu.br

** Professor Adjunto pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, lotado no Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas (DALV), área de Letras/Linguística, *Campus* de Porto Velho. É docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras (PPGML/UNIR). E-mail: elciofragoso@unir.br

Considerações iniciais

A TV INES foi uma web TV criada com o objetivo de promover a acessibilidade linguística para sujeitos surdos. A sua programação era diversificada, abordando matérias jornalísticas e conteúdos de entretenimento (SILVA, 2017). No entanto, embora fosse um canal de comunicação importante para a comunidade surda, essa TV foi descontinuada em março de 2021.

Apesar de ter sua programação suspensa, os discursos produzidos por essa TV ainda produzem sentidos. Nesse contexto, este artigo tem o objetivo de discutir a TV INES como um acontecimento discursivo, atualizando uma memória sobre os sujeitos surdos. Para alcançarmos isso, iniciamos com uma discussão sobre a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A fim de compreendermos uma memória discursiva sobre os sujeitos surdos, selecionamos um anúncio de jornal do século XIX. Esse tem o intuito de divulgar as ações dessa instituição de ensino e angariar novos estudantes. Com base nisso, é possível compreender como os sujeitos surdos são significados nesse período, estabelecendo uma memória, ou seja, um já-dito sobre esses sujeitos.

Por fim, trazemos para a discussão o conceito de acontecimento discursivo. Defendemos a tese de que a TV INES é um acontecimento discursivo, já que atualiza sentidos sobre os sujeitos surdos, servindo como um mecanismo de resistência para esses sujeitos. Dessa maneira, conforme Pêcheux (1995), os sentidos são sempre possíveis de deslocamentos e sempre podem ser outros por meio dos movimentos de resistência.

Criação do Instituto Imperial de Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos)

Este trabalho toma como pressupostos teóricos e metodológicos a Análise de Discurso Materialista. Para a AD, é de grande interesse a história, entendida aqui não como a colocação de fatos em ordem cronológica ou uma evolução de acontecimentos, mas sim como produção de sentidos, ou seja, “a história para análise de discurso não é linear, cronológica. Ela é produção de sentidos” (FRAGOSO, 2019, p. 51). Nessa perspectiva discursiva, compreendemos o conceito de história como Paul Henry (2003, p. 51-52):

(...) é ilusório colocar para a história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário, não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso.

Dessa forma, é relevante uma discussão sobre os aspectos históricos da criação do INES e da educação de surdos no Brasil. Em consonância a isso, concordamos com Mariani (1999, p. 50) quando diz:

Um discurso institucional não existe sem uma historicidade que o constitui. Por este motivo, acredito ser imprescindível percorrer a historicidade constitutiva da formação de uma instituição para melhor compreender sua produção discursiva. Afinal, linguagem e história constituem-se mutuamente.

A partir disso, analisamos neste artigo aspectos históricos do INES e de sua criação para que, assim, possamos compreender os discursos vinculados a essa instituição, como os discursos oriundos da TV INES. Entretanto, não temos o objetivo de narrar cronologicamente os fatos desde a criação do INES até os nossos dias, pois, discursivamente, isso não é o mais importante. Nesse aspecto, de acordo com Orlandi (2009, p. 66), “quando falamos em historicidade, não

pensamos na história refletida no texto, mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade”. Desse modo, o objetivo aqui é explicitar acontecimentos do ponto de vista discursivo e que produzem uma memória, ou seja, um já-dito sobre sujeitos surdos. Doravante, vejamos uma síntese da criação do agora Instituto Nacional de Educação de Surdos, a qual nos ajudará a compreender uma memória discursiva que constitui a educação de surdos no Brasil.

No começo do século XIX, já existiam muitos institutos especializados na educação de surdos por toda a Europa (ROCHA, 1997). Esse cenário europeu é relevante para o Brasil, pois é de um desses institutos a origem do fundador do INES: o professor surdo E. Huet, francês, vindo do Instituto Nacional de Paris. A sua chegada ao Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, foi no final de 1855 e seu objetivo era criar uma escola para surdos, algo, até então, inédito no cenário educacional brasileiro.

Imagem 1 - Retrato de E. Huet



Fonte: Rocha (2008, p. 29)

Huet chegou ao Brasil com uma carta de recomendação do ministro da Educação da

França, fato que abriu as portas para que iniciasse seu trabalho em solo brasileiro. Por meio dessa recomendação, a ideia deste professor de surdos foi abraçada pelo imperador Dom Pedro II e este comprometeu-se a ajudá-lo. Inicialmente, embora houvesse o apoio do Estado, a criação de uma escola para surdos não foi apoiada pela comunidade em geral, pois:

a novidade de um estabelecimento escolar para educandos surdos, numa organização social que sequer os reconhecia como cidadãos e com o agravante do responsável ser também uma pessoa surda, dificultou o aparecimento de alunos-candidatos (ROCHA, 1997, p. 5).

Desse modo, o fato de o diretor/professor Huet ser surdo dificultou o aparecimento de estudantes para a instituição. No entanto, apesar dos desafios, Huet alcançou o seu objetivo inicial: em 26 de setembro de 1857 foi criado o Instituto Imperial de Surdos-Mudos de ambos os sexos. Esse professor contribuiu para a constituição e o ensino da língua de sinais no Brasil. Nesse sentido, segundo Mariani *et. al* (2021, p. 539):

O professor mestre E. Huet marcou, historicamente, por ser o primeiro surdo a ensinar uma Língua de Sinais (LS) no Brasil, ainda que fosse a mistura dos sinais franceses e brasileiros. Desta junção de ambas as línguas, originou-se a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir deste momento histórico, outros ex-alunos surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) também ensinaram a Língua de Sinais (MARIANI *et. al.*, 2021, p. 539).

Desse modo, a vinda do professor surdo E. Huet para o Brasil foi um marco histórico para a educação de surdos no país. Foi a partir de sua iniciativa que a educação de surdos começa a ser institucionalizada no território brasileiro, e esse fato propiciou o início da circulação e da institucionalização

da língua de sinais que, até aquele momento, era uma mistura de sinais franceses e brasileiros, que, posteriormente originaria a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Cabe ressaltar que, até então, não havia registro de uma instituição de ensino especializada na educação de surdos no Brasil. Portanto, Huet assume a posição social do primeiro diretor de uma instituição de ensino de surdos em solo nacional.

Retomando a criação do Instituto Impe-

rial de Surdos-Mudos de ambos os sexos, o qual era financiado “pelo imperador, pelo convento, pelo mosteiro e um, pela própria família” (ROCHA, 1997, p. 6), evidenciamos o apoio do Estado em sua institucionalização. Até esse momento, a escola possuía apenas sete alunos surdos e, com o objetivo de conseguir mais estudantes para a instituição, foram promovidos anúncios em jornais, como o a seguir, divulgado em um jornal da época:

Imagem 2 - Anúncio em um jornal sobre a matrícula no Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos

478 COLLEGIO DE MENINOS [402]
IMPERIAL INSTITUTO
 MORRO DO LIVRAMENTO ENTRADA PELA RUA DE S. LOURENÇO
 OS MENINOS AS MENINAS
 A CARGO DE A CARGO DE
 MR. HUET MR. HUET
 DIRECTOR DO ESTABELECIMENTO
 PARA
SURDOS-MUDOS
 DE AMBOS OS SEXOS
 DEBAIXO DO PATROCINIO DE
 SUAS Magestades Imperiaes
 COMISSÃO DIRECTORA.
 Os Ex.^{mas} Senhores E os Ill.^{mas} Senhores
 Marquez de Abrantes, Presidente. Abbade de S. Bento.
 Marquez de Olinda. Provincial do Carmo.
 Marquez de Mont'Algre. Reitor Dr. Manoel Pacheco da Silva.
 Conselhr.^o d'Estado Euzebio de Queirós. Conego Fernandes Pinheiro.
 O curso de estudos completo é de 6 annos.
 A pensão é de 500\$000 annuaes, recebida em trimestres adiantados.
 Todos os pedidos de admissão devem ser dirigidos ao Sr. HUET, Director do Instituto.
 O brilhante resultado que tem coroado os exames, os testemunhos lisongeiros de satisfação e animação que o Director tem recebido de SS. MM. Il.^{mas} e de todas as nossas grandes illustrações, a subvenção nacional que tem obtido do Estado, e o progresso pasmoso dos discipulos, attestão a superioridade e efficiencia dos processos de ensino adoptados pelo Sr. E. HUET.
 Regenerar uma classe inteira de seres desgraçados muito tempo abandonados, pô-los na posse de uma instrucção impossivel de adquirir de qualquer outro modo, por meio de um methodo especial, restitui-los á sociedade, á sua familia, e pô-los em estado de poderem um dia dirigir seus proprios negocios — tal tem sido o fim da fundação do estabelecimento.
 O Instituto abre-se a todos os individuos de ambos os sexos, da idade de 7 a 18 annos.

Fonte: Rocha (2008, p. 24)

Neste objeto discursivo, é explicitada a forma como os sujeitos surdos são significados no século XIX. Assim, a partir de uma análise discursiva, podemos depreender algumas das formações discursivas deste período histórico. Sobre esse ponto, entendemos formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Cabe ressaltar, também, que o permite uma leitura deste objeto, do ponto de vista discursivo, é o dispositivo teórico e analítico da Análise de Discurso, o qual permite uma leitura do discurso posto na historicidade do material (que não é transparente) por meio da compreensão de como os sentidos foram constituídos nesta materialidade.

Desse modo, conforme o 5º parágrafo deste anúncio, o objetivo do instituto é “**regenerar** uma classe inteira de **seres desgraçados** muito tempo abandonados, pô-los na posse uma instrução impossível de adquirir de qualquer outro modo, por meio de methodo especial, restituí-los à sociedade, à sua família, e **pô-los em estado de poderem um dia dirigir seus próprios negocios**” (grifos nossos). Dessa forma, os surdos eram significados como seres desgraçados e a educação promovida pelo Instituto Imperial para Surdos-Mudos teria o efeito de regenerá-los, produzindo o efeito de sentido de que os surdos são defeituosos e que, portanto, precisam ser consertados para a vida em sociedade.

Ademais, o sujeito surdo é significado como improdutivo e incapaz, pois não pode “dirigir seus próprios negocios”, ou seja, ter o controle de sua vida, seja no âmbito pessoal ou profissional. Esse fato nos lembra as condições de produção deste anúncio,

produzido a partir da formação social capitalista, na qual o sujeito deve produzir para ser considerado um membro útil, isto é, esse sujeito deve produzir capital para manter esse sistema. O sujeito surdo, nesta sociedade capitalista, poderia ser considerado como inválido ao não produzir renda para a sua família. Assim, a surdez é significada como uma condição incapacitante, a qual o sujeito surdo poderá, “um dia” (expressão que indica incerteza), escapar com o acesso à educação.

Além disso, o uso do termo “desgraçado” também produz sentidos. Essa palavra explicita a presença de um discurso religioso no qual o sujeito surdo não é considerado digno de receber a graça de Deus por meio de sua Palavra, pois só poderia recebê-la oralmente. Assim, os sujeitos surdos são significados como “seres desgraçados”, tendo em vista que são impossibilitados, devido à surdez, de receber a graça ou as bênçãos de Deus que vêm por se ouvir a sua Palavra.

Ademais, observamos o apelo feito à família do surdo para que matricule o seu filho ou filha nesta instituição. Nesse sentido, de acordo com Costa (2010, p. 59):

A relação da família com o INES, então INSM, se dá, ancorada nesta visão da anomalia e poderíamos mesmo afirmar que esta relação se faz fundamentada na corrigível incorrigibilidade. O surdo é mandado para a instituição a fim de ser educado e corresponder aos anseios familiares do padrão da normalidade esperado, de corresponder às expectativas da manutenção de seu poder interno, de corresponder ao padrão de normalidade da gestão da economia familiar. Como lidar com um sujeito incapaz de obedecer às leis da família? Como lidar com um sujeito incapaz de contribuir com a economia familiar? Como lidar com um sujeito incapaz de pensar segundo os padrões familiares por não ter sido educado?

Desse modo, o surdo é visto como alguém incapaz, defeituoso e desgraçado. Esse discurso dominante na época do anúncio ainda reverbera nos discursos atuais, explicitando o funcionamento de formações discursivas discriminatórias contra sujeitos surdos. Afinal, sabemos que, de acordo com os pressupostos teóricos da AD, o que é dito tem relação com o que já foi dito anteriormente, ou seja, a uma memória discursiva. Compreendemos que “o sentido se forma na história através do trabalho da memória, [...] [numa] incessante retomada do já-dito [...]” (MALDIDIER, 2003, p. 93).

Adicionalmente, veja que em nenhum momento do anúncio é mencionado que o diretor do Instituto, o professor E. Huet, é surdo. Mencionar esse fato, na época, poderia ser motivo para a família se recusar a matricular o seu familiar surdo nesta instituição. Segundo Rocha (1997, p. 5) o “responsável ser também uma pessoa surda, dificultou o aparecimento de alunos-candidatos”. Isso explicita, mais uma vez, a formação imaginária do século XIX ao constituir a imagem de um sujeito surdo incapaz, o qual não poderia assumir a posição social de professor e, muito menos, de diretor de uma instituição escolar. No imaginário social da época, os sujeitos surdos são vistos como pessoas inferiores quando comparados a sujeitos ouvintes, e, portanto, não poderiam ocupar a posição de diretor de uma instituição; essa posição caberia a um sujeito ouvinte.

Dessa maneira, ao analisar este objeto discursivo, é importante procurar “escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária” (ORLANDI, 2009, p. 32). Ainda, de acordo com autora, mesmo o que não se diz significa, ou seja, produz sentidos. Observamos, assim, um apagamento do sujeito surdo. Portanto, não dizer que o responsável do Instituto Im-

perial para Surdos-Mudos era surdo produz sentidos, os quais não deixam de ser significados pelo analista de discurso.

Outra indicação interessante deste anúncio é o público-alvo da instituição: meninos e meninas surdas de 7 a 18 anos. No entanto, meninos e meninas não estudavam juntos. Note que, logo no início do anúncio, é mencionado que os meninos surdos ficavam sob a responsabilidade de E. Huet, e as meninas sob a responsabilidade de sua esposa, Catalina Huet. Tal divisão denuncia a formação social da época, indicando que meninos e meninas recebiam uma educação diferente, pois os meninos deveriam aprender um ofício, enquanto as meninas aprenderiam tarefas domésticas (ROCHA, 2008).

A atuação de Huet como diretor não durou muito tempo. Em 1861, “depois de um acordo financeiro, cede ao governo seus direitos e vai embora” para o México para criar outra escola de surdos neste país (ROCHA, 1997, p. 7). Há relatos que o motivo de sua saída também envolveu conflitos pessoais com a sua esposa e diferenças com seus superiores do governo. Falando sobre a saída de Huet do INSM, Barbosa (2020, p. 31) reflete:

Podemos dizer que o motivo que levou Huet a sair do Instituto é silenciado. Há um não-dito que aponta para a destituição do único surdo que assumiu o cargo de diretor da instituição, ficando na memória institucional, sua posição de fundador – diga-se fundador indenizado -, tomado como um “vulto notável” pelos surdos brasileiros

Assim, embora tenha atuado por um curto período na direção deste instituto, o professor Huet possui uma posição relevante para a memória institucional, ocupando a posição sujeito de fundador da primeira escola de surdos do Brasil, a qual permanece até a atualidade. É essa mesma instituição

que, décadas depois, criou a TV INES, objeto discursivo analisado neste artigo.

TV INES: um acontecimento discursivo

A criação da TV INES foi em 24 de abril de 2013 pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp). Essa TV tinha o intuito de proporcionar a acessibilidade em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para telespectadores surdos. A sua programação era disponibilizada em formato bilíngue (Libras/Língua Portuguesa). Cabe ressaltar que se tratava de uma *web TV*, tendo em vista que a programação estava disponível online por meio de um site e de um aplicativo. Os programas dessa TV possuíam conteúdos diversificados e tra-

ziam matérias jornalísticas, educativas e de entretenimento (SILVA, 2017).

É interessante analisarmos, discursivamente, o significado da data da criação da TV, ou seja, 24 de abril de 2013. Essa data, não por coincidência, é a mesma do aniversário da Lei de Libras (Lei 10.436/2002 de 24 de abril), a qual reconhece a Libras no Brasil. Observamos, desse modo, que a criação da TV INES é uma forma de homenagear a comunidade surda pelos 11 anos daquela data da lei que reconheceu a Libras. Assim, temos como efeito de sentido a projeção da TV INES, no imaginário social, como um presente para a comunidade surda, possibilitando, em Libras, o acesso a um canal televisivo.

No recorte a seguir, retirado do site do INES, é discursivizada a função da TV INES:

Imagem 3 - Função da TV INES

Nesse sentido, em 2012, a União, representada pelo Ministério da Educação e por Intermédio do INES, contratou a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto para produzir programas bilíngues levando informação, formação e entretenimento através da **TV INES**. E no dia 24 de abril de 2013, foi lançada a primeira webTV em Língua Brasileira de Sinais, com legendas e locução em Língua Portuguesa, a fim de integrar públicos. **Acesse alguns programas produzidos, clicando nas imagens!**

Fonte: Site do INES

Disponível em: <https://debasi.ines.gov.br/tv-ines>. Acesso em: 13 mai. 2022.

A partir desse objeto discursivo, compreendemos a TV INES como uma TV principalmente educativa. Observamos isso neste recorte quando é dito que a TV é financiada pelo Ministério da **Educação**, o qual contratou uma empresa de “Comunicação **Edu-**

cativa” para produzir programas de informação, **formação** e entretenimento. Desse modo, notamos uma regularidade discursiva em apresentar a TV como um canal televisivo educativo, tendo em vista que o termo “educação” é retomado pelo Ministério da

Educação, pelo nome da empresa contratada (Associação de Comunicação **Educativa** Roquette Pinto) e pelo uso do termo “**formação**”, a qual também retoma, por meio de uma paráfrase, o termo formativo/educativo. Além disso, essa TV é institucionalizada pelo Instituto Nacional de **Educação** de Surdos (INES), sendo esse uma instituição de ensino, explicitando, mais uma vez, o caráter educativo da TV INES.

É importante destacar que, no Brasil, a televisão é uma concessão pública. O que isso significa? A transmissão da TV brasileira é considerada um bem público e, para que empresas privadas “explorem” esse bem, devem receber uma liberação do governo. Segundo a legislação brasileira, essa concessão é dada por um tempo determinado (15 anos para televisão). No entanto, na prática, ocorre uma permissão praticamente vitalícia (LOPES, 2000). Dessa forma, por ser considerada um bem público, a TV brasileira precisa promover programas educativos, com o objetivo de, supostamente, trazer um retorno para a população. Nesse ponto, conforme Baccega (2000, p. 67), “aqui [no Brasil], a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação”.

Compreendemos, discursivamente, a criação da TV INES como um acontecimento discursivo, o qual é conceituado por Pêcheux (1990, p. 17) como “o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. A memória aqui não é a memória individual, ou seja, aquilo que lembramos ou memorizamos. Trata-se da memória discursiva (interdiscurso), compreendida “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2009, p. 29). Já a atualidade compreendemos como aquilo que é dito, ou

seja, é o eixo da formulação dos discursos, o que chamamos de intradiscurso. Trabalhando com essa questão, Indursky (2003, p. 103) afirma:

este ponto de encontro é onde o enunciado, proveniente na estrutura interdiscursiva, pelo viés da repetição, é inscrito na estrutura do discurso do sujeito, no intradiscurso. E nesse ponto de encontro de uma memória (o interdiscurso) com uma atualidade (o intradiscurso) instaura-se o efeito de memória: os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados.

Desse modo, a criação da TV INES é um acontecimento discursivo, pois torna possível ressignificar os discursos sobre os sujeitos surdos, ou seja, atualizar uma memória. Temos o encontro de uma memória, ou, em outras palavras, de um sentido já estabilizado, com uma atualidade, isto é, a possibilidade de um deslizamento de sentidos. Sobre isso, Indursky (2003, p. 115) destaca que “o acontecimento discursivo faz trabalhar a memória do dizer, a estrutura, o repetível, provocando um reordenamento no que pode ser dito: o que antes era da ordem do não-dito, do impensável aparece, agora, como o que pode/deve ser dito”.

Assim, o que estava na ordem do impensável em dizer sobre os surdos aparece como algo que pode ser dito. Dessa maneira, o sujeito surdo, a partir da criação da TV INES, pode ocupar posições sociais que não tinha acesso em outros períodos da história, como, por exemplo, a posição de apresentador de TV. Além disso, esses sujeitos conquistam o direito de se expressar em língua de sinais em um canal de televisão. Língua essa que, por muito tempo, foi proibida de ser utilizada, sendo falada às escondidas por estudantes surdos nas instituições de ensino (GESSER, 2009). Portanto, a TV INES representa, no imaginário social, um símbo-

lo de liberdade de expressão em Libras para a comunidade surda, comunidade essa que não precisa mais utilizar a língua de sinais secretamente, mas pode se expressar nessa língua - sem nenhuma restrição - em uma televisão, ou seja, em um meio de comunicação que tem a capacidade de atingir milhões de pessoas em um curto espaço de tempo, fato que promove visibilidade para os surdos e para a Libras. Falando, ainda, sobre o efeito da memória e da possibilidade de deslizamentos de sentidos, Indursky (2003, p. 107) afirma:

Mas não é só efeito de memória que ocorre. Ao lado da retomada, da repetição que está implicada em cada formulação, podem ocorrer deslizamentos de sentido, os quais são responsáveis pela reorganização da memória. Esses movimentos, que conduzem ao retorno da memória, permitem, igualmente, estabelecer uma ruptura com a rede de formulações à qual o enunciado está relacionado e inaugurar uma nova rede de formulações. Ou seja, esse rompimento indica que o sentido derivou, tornando-se outro.

Nesse viés, a TV INES inaugura uma nova rede de formulações quando permite que os surdos tenham visibilidade e que produzam sentidos. No decorrer da história, a regra é que os surdos sejam silenciados, em uma tentativa de impedi-los de produzir discursos em línguas sinalizadas, como aconteceu no Congresso de Milão de 1880. São considerados como uma comunidade minorizada em que um grupo dominante toma as decisões sobre as suas vidas, como a língua que devem utilizar ou o método de educação que lhes deve ser ofertado. No entanto, a criação de uma TV para surdos abre mais uma possibilidade de deslocamentos para esses sujeitos. Nesse sentido, Indursky (2003, p. 119) nos diz que “a estrutura faz ressoar os dizeres inscritos na memória social; o acontecimento instaura a possibilidade de rom-

per com a repetibilidade dos sentidos já-lá da memória e abrir espaço para a produção de novos dizeres.”

Portanto, a TV INES dá a possibilidade de romper com os sentidos já-lá, isto é, sentidos estabilizados sobre os sujeitos surdos. Esses sentidos são repetidos ou reproduzidos por fixar uma memória discursiva. Entretanto, temos uma ruptura quando os surdos podem ocupar outras posições, como a de apresentador de TV, abrindo-se espaço para que se expressem em língua de sinais. Logo, rompe-se com certa repetibilidade de sentidos e abre-se espaço para a produção de novos dizeres sobre esses sujeitos e novas formas de significá-los.

Tendo em vista o que foi discutido, notamos que a programação da TV INES é bastante abrangente e inclui programas para todos os públicos, desde crianças a adultos, sendo significada, principalmente, como uma TV educativa. Essa TV, também, é discursivizada como um presente para a comunidade surda, tendo em vista a data de sua criação. Por fim, analisamos que a sua criação foi um acontecimento discursivo para a comunidade surda, rompendo com uma memória e tornando possível deslocamentos para os surdos.

Considerações finais

Uma televisão para surdos. Essa proposta da TV INES é um terreno fértil para estudos em Análise de Discurso, pois, como vimos, trata-se de um acontecimento discursivo, ou seja, “o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). Nessa perspectiva teórica, a TV INES - uma TV feita por surdos e para surdos - rompe com uma memória e atualiza os discursos produzidos sobre sujeitos surdos. Essa TV coloca o sujeito surdo na posição de apresentador, com um efeito de autor, na pro-

dução de saberes, posição essa que nunca lhes foi permitida ocupar na história. Desse modo, esse acontecimento discursivo “instaura a possibilidade de romper com a repetibilidade dos sentidos já-lá da memória e abrir espaço para a produção de novos dizeres” (INDURSKY, 2003, p. 119).

Um fato que reclama sentidos é a suspensão na transmissão da programação da TV INES. Foi anunciado em março de 2021, pelo INES¹, que a TV INES sofreria uma interrupção temporária devido a problemas contratuais com a empresa responsável por sua transmissão. Entretanto, o retorno dessa TV não aconteceu, sendo possível dizer que não foi uma interrupção, mas sim o término de sua produção. Esse fato não deixa de produzir sentidos, como o efeito de um retrocesso sofrido por um grupo linguístico minorizado.

É importante compreendermos o funcionamento discursivo e que os sentidos não chegam até nós do nada, ou seja, existe uma rede de significação que (re)produz esses sentidos. Tais dizeres estão relacionados a uma memória discursiva, isto é, a um já-dito que atravessa os discursos da atualidade. A disciplina que nos permite compreender esse funcionamento é a Análise de Discurso. Dessa forma, compreendermos como os discursos chegam até nós e que esses são re(produzidos) por uma trama de significação nos dá a possibilidade de realizarmos os deslocamentos necessários. Assim, a compreensão do funcionamento de uma memória discursiva que significa os sujeitos surdos possibilita deslizamentos de sentido, pois “os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros” (ORLANDI, 2009, p. 35).

1 Nota oficial do INES sobre a interrupção da TV INES. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/component/content/article?id=1095>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Portanto, compreendemos a criação da TV INES como um acontecimento discursivo e como um mecanismo de resistência de sujeitos surdos. Segundo Mariani (2020, p. 21), “o que é silenciado retorna e retorna muitas vezes de formas imprevisíveis nos movimentos de resistência”. Esses movimentos de resistência deslocam sentidos e atualizam uma memória sobre os sujeitos surdos. Desse modo, não são sujeitos incapazes e inferiores, mas são sujeitos que resistem a um discurso que tenta silenciá-los, produzindo novos sentidos sobre o significado de ser surdo.

Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugenio (org). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2000.
- BARBOSA, Priscila Costa Lemos. **Análise de Discurso sobre Educação de Surdos no Século XIX: um gesto de leitura**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. **A educação do surdo ontem e hoje, posição sujeito e identidade**. Campinas, SP. Editora Mercado de Letras, 2010.
- FRAGOSO, Élcio A. A noção de acontecimento discursivo. *Traços de Linguagem - Revista de Estudos Linguísticos*, [S. l.], v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4127>. Acesso em: 16 mai. 2022.
- GESSER, A. **LIBRAS: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 29-55, 2003.
- INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, v. 17, n. 35, 2003.

LOPES, Vera de Oliveira Nusdeo. A Lei da Selva. *In*: BUCCI, Eugenio (org). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2000.

MALDIDIER, D. **A inquietude do discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. Discurso e instituição: a imprensa. **RUA**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 47-62, 1999. DOI: 10.20396/rua.v5i1.8640651. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640651>. Acesso em: 10 set. 2021.

MARIANI, Bethania *et al.* Entre-línguas brasileiras: Libras na política de divulgação do conhecimento. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 24, n. 3, p. 530-553, jul.-set. 2021.

MARIANI, Bethania. Discursos de resistência e testemunhos. GRIGOLETTO, E. NARDI, D. e DELLA-SILVA, S. **Discursos da resistência**: literatura, cultura, política. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 16-31, 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 8ª ed. São Paulo: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

ROCHA, Solange. INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos – **Revista Espaço**. Edição Comemorativa 140 anos. Belo Horizonte. Editora Littera, 1997. Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1411/1235>. Acesso em: 02 nov. 2021.

ROCHA, Solange Maria. **O INES e a educação do surdo no Brasil**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SILVA, Yéssica Lopes da. **TV INES**: O protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove informação, cultura e língua. Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017.

Recebido em: 26/06/2023
Aprovado em: 01/11/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.